

Clientes mostram interesse

Pela sala de Johnny Carioba, diretor da área externa do banco de investimentos Multiplic em São Paulo, tem passado, nos últimos meses, uma grande variedade de pessoas interessadas em discutir a conversão da dívida externa brasileira. A maioria dessas pessoas é de empresários nacionais em busca de sócios estrangeiros para seus negócios. Outras são banqueiros estrangeiros procurando um negócio no qual possam aplicar seus títulos convertidos em cruzados. Umas poucas são representantes de empresas brasileiras tentando trazer do exterior, legalmente, através da conversão informal, dólares ganhos em operações no exterior.

“Para cada uma delas há uma solução de mercado apropriada”, diz Carioba. Os empresários nacionais, boa parte das multinacionais e os bancos interessados em transformar seus créditos em investi-

São Paulo/Murilo Mendes



Carioba: para cada cliente uma solução própria

mentos buscam a conversão formal — que poderá ser feita em leilão a partir do final deste mês ou diretamente com o Banco Central, sem pagamento de deságio, para os privilegiados que entraram com seus pedidos até o mês de julho.

“Quem pode esperar pelo leilão e precisa do registro de capital no Banco Central opta por esse tipo de conversão”, explica o diretor da Multiplic. O registro — que não existe na conversão informal — permite remessa de lucros e dividendos sobre o capital aplicado e até mesmo a sua repatriação total depois de 12 anos. Os bancos que querem manter seus investimentos no Brasil e as grandes corporações multinacionais (cuja contabilidade geralmente é bastante conservadora) não abrem mão dessas salvaguardas.

Há, porém, interesses que a conversão informal, por sua rapidez e margem de ganho, atende melhor. É o caso daquelas empresas — nacionais ou multitis, mas predominantemente multitis — que têm dólares no exterior e padecem de falta de liquidez ditada pelas elevadas taxas de juros no Brasil. Para essas, a conversão informal é mais rápida e paga mais que o câmbio oficial, sem os riscos do paralelo.

Um banqueiro estrangeiro sediado em São Paulo, que já fez mais de uma centena de operações de conversão, lembra que há alguns tipos de atividades (como as desenvolvidas por equipes de filmagens estrangeiras) que não necessitam de fixação de capital, apenas de cruzados para gastos de curto prazo. Nestes casos, se recorre à conversão informal. Ela funciona também como uma passagem segura para as pessoas jurídicas que, através dela, podem trazer legalmente seus dólares do exterior. Pelo paralelo, eles gerariam mais cruzados, mas seriam ilegais.